

Lideranças querem que Ulysses deixe já presidência do PMDB

Brasília — O deputado Ulysses Guimarães dificilmente realizará o desejo de só deixar a presidência do PMDB a partir de março, quando o diretório nacional escolherá o substituto do governador eleito Pedro Simon (RS) no cargo de 1º vice-presidente do partido. Com a gravidade da crise econômica, as lideranças do partido, principalmente o senador José Richa (PR) e o governador eleito Orestes Quércia (SP), tendem a buscar imediatamente um interlocutor com o governo, que não pode ser Ulysses, totalmente absorvido pelos trabalhos da Constituinte.

O deputado resiste aos argumentos para que deixe logo a presidência do PMDB afirmando que é no Congresso Constituinte que deverão se concentrar as atividades partidárias. Ele quer ter um 1º vice-presidente que seja de sua confiança e possa substituí-lo durante os seis meses que acha que deverão durar os trabalhos da Constituinte. Seu mandato de presidente do PMDB só termina em abril do próximo ano.

Ulysses queria, inicialmente, passar a presidência do partido ao 3º vice-presidente, senador Affonso Camargo. Mas, diante da ofensiva do "presidenciável" José Richa, a quem Camargo é ligado, mudou de idéia. Começou a incentivar o próprio Pedro Simon a pleitear a vaga para o Rio Grande do Sul. Entre os gaúchos que integram o diretório, no entanto, nenhum exerce liderança capaz de acomodar as correntes ideológicas internas.

A solução natural seria mesmo Affonso Camargo que, apesar dos vínculos com Richa, sempre mereceu a confiança de Ulysses. Na prática, o senador já está assumindo o papel de coordenador do PMDB e tem reunido parlamentares para discutir a crise econômica. Affonso Camargo, um dos líderes da facção moderada, transita com relativa facilidade entre os chamados "progressistas".

Mas o PMDB do Paraná começa a se movimentar com relação ao licenciamento de Ulysses. Depois que José Richa se manifestou favoravelmente à idéia, o governador eleito, Álvaro Dias, aderiu à tendência do partido no Paraná. O interesse dos políticos é compreensível, pelo fato de Affonso Camargo ser o terceiro na linha da sucessão — precedido apenas por Pedro Simon e Miguel Arraes, sem condições de assumir o cargo atualmente.

Pouca atenção ao plenário

Brasília — Quinta-feira, duas da tarde. Como prometera na véspera, o deputado Ulysses Guimarães abre a sessão destinada a votar o regimento provisório da Constituinte, mas se desculpa pelo atraso da gráfica, que não imprimiu a tempo o parecer do relator, e adia os trabalhos para as oito da noite. O deputado José Genoíno (PT-SP) tenta apresentar uma questão de ordem e a Mesa não aceita. O deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) repete a tentativa, mas Ulysses finge que não ouve e encerra a sessão.

Menos de 30 constituintes presenciam a cena, mas no dia anterior, dedicado às discussões sobre o regimento, pelo menos 100 deputados e senadores perceberam que não prendem muito a atenção de quem elegeram para as presidências da Câmara e da Constituinte. Durante toda a tarde, Ulysses alternou momentos em que parecia distante com outros em que sorria para os amigos que o cumprimentavam de perto e assinava papéis, muitos papéis, a pedido do secretário da Mesa, Paulo Afonso.

"O doutor Ulysses não presta a menor atenção ao que se diz no plenário", reclama o deputado Ademar Andrade (PMDB-PA), que faz parte do grupo de jovens constituintes do PMDB e lutou contra a eleição de Ulysses para as duas presidências. "Como ele manda em tudo, tem de assinar um monte de papéis enquanto dirige a sessão."

Quando não pode despachar com Ulysses no próprio gabinete, Paulo Afonso

so não tem dúvida: sobe para a Mesa com todos os documentos urgentes para obter a assinatura do presidente. São requerimentos de deputados por salas para reuniões, comunicação de viagens ao exterior e outros problemas burocráticos que só se resolvem através da direção da Câmara.

As conversas de pé-de-ouvido também desviam a atenção de Ulysses por longos minutos. Enquanto os constituintes discursam para um plenário geralmente desinteressado, Ulysses dá e recebe recados importantes. "Disse-lhe que o preservamos durante a campanha, mas que sua presença é essencial agora, na luta para dar alguma ordem à economia", conta o senador José Richa (PMDB-PR), depois de conversar com Ulysses, com quem aparentemente apenas trocava amabilidades.

O deputado Amaral Neto (PDS-RJ) também aproveitou o tempo de Ulysses durante as discussões no plenário e lhe pediu apoio para o projeto que pretende apresentar à Constituinte, restabelecendo imediatamente as prerrogativas do Congresso.

Muitas vezes, as discretas conversas despertam a curiosidade de quem não consegue chegar perto. "Aposto que ele está conspirando para derrubar o presidente Sarney", diz Roberto Jefferson. "O tempo está contra o doutor Ulysses, ele certamente deve estar buscando adesões à idéia de realizar eleições no ano que vem".